

“VASCO IGUAL A POVO”¹

1. - Pedem-me um depoimento sobre Vasco Gonçalves, quando celebramos, com ele, os 40 anos da Revolução de Abril. Esta oportunidade é uma honra para mim. E coloca-me uma questão que muitas vezes me assusta: serei merecedor dela? Estarei à altura de honrar o convite? De todo o modo, como dizer que não? O melhor é começar.

Vasco Gonçalves era um homem tímido, discreto, atencioso, afetivo, humilde, às vezes ingénuo, que cultivava a amizade e era leal para com os amigos. Era um homem honrado e um trabalhador infatigável. Era um homem culto, amante da música e do teatro, com muita leitura e reflexão, especialmente sobre temas de História, Filosofia, Economia Política, sempre ansioso por aprender mais e melhor. Seguro nas suas ideias, cultivava a dúvida metódica e estava sempre aberto à crítica, que suscitava muitas vezes, interpelando o seu interlocutor: “espero que não esteja a dizer nenhum disparate...”.

Conheci-o porque fui membro dos cinco primeiros governos provisórios depois da Revolução. As circunstâncias conduziram a situações de alguma cumplicidade no plano político e daqui se passou a uma relação de amizade entre as nossas famílias. Recordarei sempre com muita saudade este Amigo excepcional, cuja amizade considero um privilégio e uma honra. Mas é claro que o pudor me impede de falar desta relação, que só a mim interessa.

Este não é o momento para analisar a sua obra e o seu pensamento político em profundidade, tarefa para a qual admito não ter as necessárias capacidades. Vou então falar de quê?

Passei os olhos pelos livros que nos deixou e pelos livros que outros publicaram em sua homenagem. E encontrei neles material para fazer o retrato do Homem e do Cidadão com uma riqueza que não está ao meu alcance. E concluí que esta era uma boa maneira de reunir à volta de Vasco Gonçalves, muitos dos seus amigos e admiradores, para, em conjunto, celebrarmos os 40 anos da Revolução de Abril.

1 Intervenção numa sessão promovida pela Associação Conquistas da Revolução, no âmbito das Comemorações dos 40 Anos da Revolução de Abril, e realizada no Clube Fenianos do Porto em 7 de Abril de 2014.

2. – Enquanto jovem estudante liceal, Vasco Gonçalves participou, com João de Freitas Branco, Alves Redol e outros jovens, num grupo que se interessava pela leitura e pela discussão dos clássicos do marxismo.

Já na Academia Militar, conta que um dia um professor o agrediu por estar a ler o *República*, e recorda, com satisfação, o facto de ter conseguido, quando foi responsável pela Biblioteca da Sala de Alunos da Academia, que a Biblioteca passasse a assinar a *Seara Nova*, de que era leitor assíduo, bem como da *Vértice* e de *Lettres Françaises*.

Esta sementeira da juventude continuou na idade adulta, ao longo da qual Vasco Gonçalves continuou a ser “de uma pureza infantil [“incorrigivelmente confiante na boa fé dos outros”], que os medíocres e os mesquinhos não podem conservar, por ser timbre das grandes naturezas” (João de Freitas Branco).

É particularmente expressivo este retrato que dele faz o jornal *O Ferrovári*o (30.10.1975): “homem inteiro”, “homem verdade”, “homem certeza”, “homem exemplo”. Isto mesmo: “um padrão de exemplaridade moral e de exemplaridade política” (Óscar Lopes).

Vasco Gonçalves recuperou para a revolução o significado da Pátria e do verdadeiro patriotismo, valores que frequentemente invocava nas suas falas e nos seus escritos. Mas a Pátria não era para ele uma entidade abstrata: “a Pátria são os portugueses de carne e osso, (...) é o povo que vive dia a dia os seus problemas, que sofre e que tem alegrias, que constrói o futuro, dia a dia”. Um dia, em conversa com o amigo João de Freitas Branco, falando dos seus adversários, comentou: “o que mais me espanta nestes tipos é a falta de patriotismo”.

Creio que foi a amor à Pátria (ao “povo de carne e osso”) que fez dele um revolucionário, porque, como Sérgio Ribeiro escreveu, “Vasco não vestiu uma camisa ou uma farda de revolucionário. Tem uma pele, uma atitude. E é isso que não lhe podem perdoar”. Por isso é que faz sentido dizer, com Casimiro de Brito: “Vasco igual a povo”.

3. - Muitos dos seus amigos talvez pensassem que ele era mais engenheiro *civil* do que militar. Mas a verdade é que, mesmo nas conversas entre amigos, ele invocava muitas vezes a sua condição militar para justificar muitas das suas convicções ou das suas opções. Aí bebia os valores da lealdade, da camaradagem, da solidariedade. Radicava nos valores a sua ideia-força de que “moral e política vão de par, não se podem dissociar”. Um dia, ele próprio comentou: “É isso que eu penso, mas é possível que seja ingénuo”. Após uma pequena pausa, confidenciou ao jornalista que o entrevistava: “Há dias, passando os olhos, por acaso, num texto de Lénine, encontrei uma formulação do mesmo género. Fiquei muito contente...”.

Quem o conheceu sabe que ele punha acima de tudo o orgulho de ser *um homem do MFA*: “se não tivesse participado no 25 de Abril (...), hoje seria um homem derrotado, a minha vida teria sido uma frustração”. Esta pequena vaidade não o fazia esquecer do essencial: “Honra aos homens do 25 de Abril, mas não esqueçamos que é o povo que faz a História”.

É a sua honra de militar que ele invoca para afirmar que a política do MFA é “uma política de honra e de verdade”, uma “política feita diante de todos”, capaz de promover uma “séria moralização da vida política nacional”, porque “é passado o tempo em que o governo mentia ao povo”: “o MFA não faz demagogia, não faz promessas vãs”.

É a sua honra militar que ele invoca quando, falando dos seus detratores, ele repetia: “através da minha pessoa, é o MFA que eles querem atingir. Não responderei jamais aos autores dos insultos de que sou alvo. A cada um a sua moral. (...) “Essa gente é como é, eu sou membro do MFA”.

Na minha leitura, é ainda o militar que fala quando diz: “Não há processos revolucionários sem desvios frequentes, cobardias e traições. Não tenho feitio para me pôr a revolver misérias. (...) As coisas tristes e feias que eu pudesse contar não têm importância especial no processo histórico. Por outro lado, a simples recordação desses aspetos deixa-me até magoado. Não, não tenciono falar nem escrever sobre nada disso”.

Creio que é o militar que fala quando ele diz que “a humildade revolucionária é um dever de honra e um sinal de dignidade”. E é este sentido da honra que o leva a olhar o povo olhos nos olhos e a dizer: “Olhem para esta cara. Esta cara é a cara a quem vocês

pedirão contas, e está aqui diante de vós. Não se esconde, esta cara não muda, não renuncia. É a minha cara”. A cara de Vasco Gonçalves era a cara de “um homem com rosto de homem” (Eduardo Olímpio), de “um homem que falava verdade, um homem transparente, que não podia enganar nem enganava” (Deniz Jacinto), “um revolucionário que não cabe na política” (Gastão Cruz).

Digo-o com palavras do Prof. Jacinto do Prado Coelho: “Vasco Gonçalves foi, humanamente, a mais invulgar figura que emergiu na cena política depois do 25 de Abril”. Não espanta que o político que habitava dentro deste Homem de enorme coragem moral tivesse defendido este conceito de socialismo: “O socialismo que queremos consiste (também) na possibilidade de cada cidadão ser um homem de lisura, um homem limpo, um homem íntegro, um homem transparente”. Parece que estava a fazer o seu próprio retrato.

4. - Vasco Gonçalves só ganhou notoriedade nacional depois do 25 de Abril. Mas a sua ação entre Abril/1974 e Novembro/1975 justifica esta afirmação de Mário Murteira: “Além de Vasco Gonçalves, muito poucos atores civis e militares estiveram à altura do excepcional momento histórico que Portugal viveu”.

Contra a sua maneira de ser e contra as suas ideias sobre o trabalho revolucionário, Vasco Gonçalves tornou-se o símbolo da aliança Povo-MFA, o rosto da Revolução, um verdadeiro mito. E no entanto ele nunca quis destacar-se entre os seus camaradas do MFA, tendo recusado ser ‘presidente’ da Comissão Coordenadora. “Ele nunca quis ser o senhor da Revolução”, como escreveu Nuno Pinto Soares.

Mesmo transformado em mito, Vasco Gonçalves nunca quis colocar-se acima dos seus concidadãos: foi, simplesmente, o *Companheiro Vasco*, que todos tratavam por tu. E procurou sempre atuar em função da análise fria da situação, pesando a correlação de forças, procurando manter os compromissos necessários. Carlos Coutinho salienta muito bem este aspeto: “Vasco Gonçalves é a lucidez que não se turva e a vontade que não se cansa de partir à frente do povo português para uma sociedade sem classes, para uma solidariedade total”.

Fez sempre questão de sublinhar que a expressão *gonçalvismo* não foi criada por ele nem pelos seus camaradas do MFA, antes foi uma invenção dos seus inimigos políticos, que, à falta de ideias e sobretudo de ideais, escolheram como instrumento de luta o ataque pessoal, a calúnia e a mentira: “atacam as pessoas para destruir as ideias”, “recorrendo à mentira, à calúnia, à falsificação, à injúria, ao sofisma, à pressão psicológica, ao chamamento dos instintos mais primários e mais grosseiros, num esforço desesperado para combater a razão com o irracional”.

“O *gonçalvismo* – escreveu Vasco Gonçalves – foi inventado para que se pudesse utilizar o *antigonçalvismo* como arma de guerra psicológica, como arma de tenaz política e ideológica que a burguesia portuguesa trava contra as classes trabalhadoras e seus aliados, no sentido de bloquear o processo democrático revolucionário, recuperando-o para o capitalismo. (...) “O que é tenebroso para a burguesia não é o *gonçalvismo*, mas sim a classe operária e as massas populares em movimento, tomando nas suas mãos o seu próprio destino. (...) Mais tenebroso ainda é o facto de as massas populares se movimentarem em aliança com o MFA”. Como alguém escreveu, a palavra *gonçalvismo* traduz o medo de quem a inventou – medo da revolução, medo do socialismo –, e “a dimensão desse medo é, de facto, a melhor homenagem a Vasco Gonçalves”.

Aprofundando a análise, Vasco Gonçalves põe em evidência que “o *antigonçalvismo* é um conjunto de ações que tem por fim ludibriar o povo português, influenciar a sua consciência social e moral, violar os seus sentimentos patrióticos, (...) que transfere a luta do plano ideológico, da discussão das ideias e das ações, para o plano da guerra psicológica”. E cita Jacinto do Prado Coelho: com a ‘invenção da palavra *gonçalvismo* iniciou-se “uma história triste de baixeza ou leviandade”, porque o “manejo do termo *gonçalvismo* é uma velha receita para colocar o irracional ao serviço da política; dizer *gonçalvismo* é convidar a não pensar”. João de Freitas Branco pôs o dedo na ferida: “Quando me falam do *gonçalvismo* de Vasco Gonçalves, não é do Vasco que fico a saber mais. É daqueles que dele falam”. Por isso, o *Companheiro Vasco* repetia: *essa gente é o que é, eu sou um homem do MFA!*

Em 1977 Vasco Gonçalves deixava claro: “Hoje em dia, falar de *gonçalvismo* é “identificar o *gonçalvismo* com as conquistas da Revolução”; “hoje em dia, a luta contra o *gonçalvismo* é, na realidade, uma luta contra a Constituição”. Verdade de ontem,

verdade de hoje: a CRP recorda-lhes a Revolução e as conquistas da Revolução. E Vasco Gonçalves é o símbolo e o rosto da *Revolução de Abril*.

Por isso nós o respeitamos e o recordamos.

5. - Quem conhecia o homem tímido e reservado que ele era quase não o reconhecia quando falava em público. Será que ele tinha, como escreveu o poeta António Ramos Rosa, a noção de ser “a única voz do seu povo”?

E o que eram os seus discursos frontais, autênticos, corajosos, sem trunfos na manga? Dizem-no as palavras de Jorge Lima Barreto: “A camisa aberta de franqueza, as mãos abertas de honestidade, o sorriso aberto de confiança, a palavra aberta de simplicidade, o coração aberto de ternura, o espírito aberto de saber, o fogo aberto da Revolução!” São discursos que “não nos conduzem nem manipulam”, como escreveu Maria Alzira Seixo. Outro especialista da língua portuguesa (Jacinto do Prado Coelho) escreveu que “os seus discursos, as suas falas não tinham apenas a força do sonho que o impelia: tinham também a força dum bom senso que os ouvintes aceitavam”. Foram, por isso, um instrumento poderoso do político “mais capaz de mobilizar os espíritos e as vontades, de ‘conquistar’ o povo, de acordar um anseio de justiça e de reconstrução nacional em homens de todas as condições – isto graças a um tom de profunda sinceridade, ao entusiasmo duma entrega generosa, por uma espécie de absorção no sonho que ele teimava em comunicar, apesar de milhentas dificuldades e armadilhas”.

Ele próprio desarmou os ‘puristas’ da literatura e da oratória: “Não interessa que haja aqui literatura. O que interessa é que haja homens transparentes que digam a verdade ao povo em linguagem que ele entenda”. Esta a força de Vasco Gonçalves como orador: “Tu metes medo aos manipuladores” (César Príncipe); “a tua voz excessiva torna-os mais pequenos” (Armando Silva Carvalho). Está tudo dito nestes versos de Eugénio de Andrade: “Nesses dias era sílaba a sílaba que chegavas/ (...) Habitavas a terra, o comum da terra e a paixão/ era morada e instrumento de alegria”. Porque ele falava ao povo em linguagem que o povo entendia, porque as suas falas tinham o condão de conquistar o povo, é que os inimigos da Revolução não gostavam que Vasco Gonçalves falasse ao povo (a certa altura até o proibiram de ir aos quartéis).

6. – A revolução popular que se seguiu ao movimento militar libertador de 25 de Abril de 1974 conduziu à aliança Povo-MFA e esta viabilizou a necessária institucionalização do MFA como estrutura do poder político-militar e, após o golpe reacionário de 11 de Março de 1975, a proclamação da opção socialista da Revolução.

Encarando o MFA como primeiro responsável por esta opção, Vasco Gonçalves defendeu que o MFA deveria assumir-se como *vanguarda revolucionária*, entendendo esta como um “movimento revolucionário autónomo”, que tem de se apoiar nos trabalhadores do campo e da cidade (“a construção do socialismo exige trabalho, sacrifício e consciência política das classes trabalhadoras”), que tem de aliar-se com “a pequena burguesia, os pequenos industriais, os pequenos e médios agricultores, que tem de procurar que “essa aliança seja feita também ao nível das organizações políticas”.

A revolução socialista – salienta Vasco Gonçalves – faz-se contra “os exploradores e os privilegiados”. Mas faz-se, “para além disso, contra toda uma série de ideias feitas, de imagens culturais, de crenças e de mitos com base nos quais os exploradores justificavam perante os explorados os seus privilégios, e que normalmente se encontram arreigados, por vezes profundamente, nas classes sociais mais desprotegidas. Assim, a revolução socialista, embora seja feita a favor dos trabalhadores, dos pobres e dos deserdados, pode-se chocar com sentimentos e opiniões inculcados generalizadamente nas próprias classes trabalhadoras, nos pobres e deserdados. Por isso, além dos seus inimigos naturais, a revolução socialista pode encontrar oposições entre aqueles a quem pretende servir”.

Consciente disto mesmo, consciente de que “não podemos, de um dia para o outro, dar o céu e a terra ao nosso povo”, consciente de que um revolucionário não pode mentir ao povo nem pode fazer demagogia, Vasco Gonçalves desenvolveu um incansável esforço de pedagogia revolucionária:

- “Nós desejamos que o povo português seja o sujeito da sua própria história”, mas “não há nenhuma revolução digna desse nome que não exija o sacrifício da geração que a faz”;

- “Temos, todos em conjunto, de trabalhar muito”!;

- “Precisamos de dar passos firmes, sólidos e seguros. É preferível dar esses passos numa cadência certa do que darmos cambalhotas para a frente e depois voltarmos para trás”;

- “É necessário que os trabalhadores não se deixem dividir por lutas políticas partidárias dentro dos seus sindicatos”.

Em fevereiro/1975 avisava: “Não podemos esperar que a democracia nos seja servida numa bandeja dourada. Ela tem que ser conquistada a pulso por todos nós”.

E em maio desse mesmo ano, no aniversário da derrota do nazi-fascismo: “A marcha dura de um processo político difere substancialmente do deslizar dos sonhos. (...) Os povos só se libertam pela luta intensa, incansável e de todos os dias, contra a opressão. Quando se cansam, perdem”.

Vasco Gonçalves quer mesmo que a Revolução vença no nosso País. Por isso recorda que “as revoluções precisam de destruir as estruturas do poder que pretendem ultrapassar; precisam de impedir a liberdade de ação e de organização políticas dos seus adversários, sob pena de deixarem instalar no seu seio os agentes da contra-revolução”. E sublinha que “um projeto verdadeiramente revolucionário, visando a abolição da sociedade de classes, não se pode fazer sem roturas e não pode ser universalmente aceite”.

Para ele é muito claro que “o MFA não faz revoluções contra o povo”. Mas, no início de setembro/1975, manifesta-se contra os que querem “dar a revolução por terminada, encadernando-a em bonitos códigos de democracia burguesa e de parlamentarismo à europeia”. Recorda que a revolução socialista tem os seus inimigos jurados (o fascismo e a reação) e defende que, em relação a eles, “qualquer acordo ou plataforma de entendimento é impossível”, em relação a eles “a única solução é o combate implacável”: “não há terceiras vias, não há lugar para neutros”. É o caminho necessário para salvar uma Revolução “que não queremos ver recuar e muito menos perder”.

Tendo em vista o MFA, Vasco Gonçalves sustenta que “o aparecimento do MFA não pode explicar-se à margem da luta contra o fascismo e o colonialismo” e entende que, no verão de 1975, “o MFA e o seu Programa pertencem ao Povo Português, são a esperança da sua revolução socialista”. Mas esclarece que “um programa político só é revolucionário se dentro dele se puderem encontrar em cada momento as respostas

adequadas às exigências do processo revolucionário. Não pode sê-lo um programa que pretende amarrar a História à rigidez do seu texto”. Por isso defendeu que, num momento em que o MFA “se comprometeu definitivamente com as lutas do povo português, (...) não tem qualquer sentido o saudosismo de o fazer regressar à sua ‘pureza’ de origem, ao tempo em que era universalmente aceite e respeitado”.

Vasco Gonçalves defendeu que o MFA deveria honrar o compromisso assumido perante o povo português de ser “o motor do processo revolucionário de transição para o socialismo”. Daí a tese que apresentou numa das Assembleias do MFA: “não poderemos iludir-nos acerca da viabilidade, para o MFA, de ser, ao mesmo tempo e eternamente, motor do processo revolucionário e árbitro respeitado por todos os representantes dos interesses antagónicos cuja luta é a própria luta de classes, elemento base da dinâmica social”. Para honrar o seu compromisso, o MFA tem de estar do lado das “classes trabalhadoras e dos seus aliados históricos no período de transição” e “tem de o fazer sem equívocos nem ambiguidades, pois não pode ser equívoca nem ambígua a posição de uma entidade que queira assumir a direção de uma revolução socialista”. Esta é uma condição indispensável para “poder ser respeitada e poder suportar a guerra aberta por parte dos adversários do processo revolucionário”, guerra cuja vitória pressupõe a “capacidade de mobilização das massas cada vez em maior número para o lado da Revolução, a criação de estruturas adequadas à defesa da Revolução, o combate a todas as formas de organização dos grupos e classes contra-revolucionários”.

7. – Claro que uma posição assim claramente assumida tinha de suscitar a reação de todos os que não queriam e temiam o êxito da revolução socialistas. Vasco Gonçalves teve plena consciência disso. Perante os ataques de que foi alvo, sempre disse que “não é uma questão de nomes que está em causa. O problema é outro e a sua compreensão terá de ir buscar-se à intensa luta de classes hoje vivida neste nosso País”. “Não é a figura do Primeiro-Ministro que se pretende abater, mas sim as ideias que ele defende”.

O que ele pretendia era simples: “construir uma via pacífica e pluralista para a democracia e o socialismo, garantida pelas Forças Armadas”. Em vários discursos e entrevistas sempre realçou o facto inédito de o MFA ter feito uma revolução sem dar um tiro, e enfatizou sempre esta ideia: “Nós [o MFA] não queremos a guerra civil entre os

portugueses”. Fiel à sua matriz pessoal e à sua formação humanista, Vasco Gonçalves sublinhou mais do que uma vez que “uma verdadeira justiça revolucionária exige que (...) se tenha do saneamento uma visão que incida mais sobre as estruturas do que sobre as pessoas”, o que, a seu ver, exigia que “o saneamento se não faça com base em ódios recalçados, em ambições de promoções, em razões de caráter pessoal. Devemos dar o maior exemplo de idoneidade moral e de isenção em matéria de saneamento”.

Vasco Gonçalves sabia muito bem que “a tolerância não significa fraqueza, pelo contrário, os que são fortes é que são tolerantes”. Nele, o homem bom e o revolucionário eram uma e a mesma pessoa, porque a moral e a política não são separáveis uma da outra. Daí a grandeza desta afirmação: “É preciso não amarrar os homens eternamente aos erros que cometeram. Há homens que são recuperáveis”.

Neste tecido de memórias sobre Vasco Gonçalves, não resisto a contar aqui uma história narrada por José Carlos de Vasconcelos algum tempo depois da morte de Vasco Gonçalves. Recortei essa crónica, mas não a encontro. Sirvo-me da memória que guardei. Diz ele que no famoso *Dia de Trabalho* oferecido ao Povo Português (pouco depois de 11 de Março de 1975) o Primeiro-Ministro o convidou para almoçar com ele em S. Bento. Falaram de vários assuntos (relacionados com as coisas da política, presumo), e notou que Vasco Gonçalves interrompia a fala sempre que entrava na sala a empregada que servia o almoço. A certa altura, talvez porque se tenha dado conta da ‘estranheza’ revelada pelo jornalista perante essa atitude, foi o próprio Vasco Gonçalves que lhe explicou: sabe, esta senhora é casada com um pido que está preso, e eu não quero que ela ouça alguma coisa que eu diga e que possa melindrá-la. Este era Vasco Gonçalves: o homem doce e generoso estava por detrás do socialista e do revolucionário que defendia o “combate implacável” contra os inimigos da revolução, que entendia que não podia haver neutros entre a revolução e a reação, entre o socialismo e o capitalismo.

É tempo de terminar. Peço emprestadas estas palavras de Bernardo Santareno: “Ninguém poderá esquecer a enorme dignidade deste Homem, a sua transparência, a força que o seu mirrado corpo irradiava. Desfeito, desgrenhado, coberto de escarros, caluniado e traído, Vasco Gonçalves cumpriu-se até ao fim, sem um desvio, sem uma quebra, *inteiro*, igual a si mesmo, simples e generoso, *exemplar*. E chamaram loucura à sua magnífica e criadora lucidez. E encheram de lama o seu terno e viril coração, queimado

do amor das gentes de Portugal. E sujaram de baba e ranho a dádiva aberta e total das suas palavras, dos seus gestos mais puros”.

Humilde porque revolucionário, Vasco Gonçalves diz com toda a sinceridade: “Fiz simplesmente o que me impunha a minha consciência e a minha formação de militar e de cidadão solidário com o seu povo”.

Como mensagem para os dias de hoje, deixo aqui este seu diagnóstico: “O futuro com que sonhei não é cada vez mais saudade, é, sim, cada vez mais, necessidade imperiosa. Assim o povo o compreenda”.

Um homem assim “fica na história, limpo e luminoso, como o sol e as estrelas” (Antunes da Silva). Querido Companheiro Vasco, “estás aqui, entre nós, no meio do teu País” (Armando da Silva Carvalho).

O povo há-de *compreender a necessidade imperiosa* de que falaste.

O povo há-de *compreender* o teu exemplo e o teu legado patriótico.

O 25 de Abril vencerá!